

Apresentação

Traduções e suas vicissitudes: entre ofício e arte

Este número da revista *Gragoatá* traz uma amostra da diversidade de perspectivas e de possibilidades de reflexão sobre a literatura e o material de que é feita - a linguagem humana, verbal e não verbal em seu dinamismo construtivo, em seus dramas internos. Uma amostra, sem dúvida alguma, limitada, que evidencia o potencial do fenômeno tradutório para a reflexão sobre a literatura, as línguas e as linguagens verbais e não verbais. A chamada “**Traduções e suas vicissitudes: entre ofício e arte**” visava a contribuições em um arco muito amplo de interesses no campo literário e dos estudos da tradução. Nas entrelinhas, evocava-se a ideia de uma *pulsão* tradutória, concebida com base no conceito estético, antropológico e psicanalítico de *Trieb* [impulso, instinto, pulsão], combinado à ideia de vicissitude como destino [*Schicksal*], como constava da primeira tradução do célebre ensaio freudiano, “Pulsões e suas vicissitudes” [*Triebe und Triebchicksale*]. Toda tradução enfrenta os mais diversos desafios e impasses para chegar a seu destino: singular apropriação do texto estrangeiro, um texto de partida por definição outro, alheio. Entretanto, tal apropriação não se pretende absoluta, integral, nem conforme a regras e percursos predeterminados. Ela se dá primeiramente pelo gesto analítico que decompõe o texto estrangeiro e o submete a várias camadas de leitura e interpretação. A leitura revela-se, assim, como operação hermenêutica que ultrapassa as fronteiras do texto verbal, abrindo um amplo e infindável leque de considerações culturais, inter- ou transculturais, inter- ou transartísticas e/ou inter- ou transmidiais, bem como de apreciações de caráter teórico e estético. Nesse processo, a tradução emerge sempre mais como modo privilegiado de leitura: quanto mais abertos tais processos de leitura, tanto mais são convocados e afins à tradução. Entretanto, a transposição bem-sucedida de um texto estrangeiro implica necessariamente também a exposição de um resto inapropriável, algo de fundamentalmente *estranho*,

alheio, que acaba por conduzir o leitor – e o próprio tradutor – à auto- ou metarreflexão.

Entre ofício e arte – condição liminar de todo e qualquer processo ou produto de uma tradução –, os trabalhos deste número contemplam tanto o labor artesanal, de fina ourivesaria que toda tradução implica, quanto as consequências hermenêuticas que seus limites, aporias e possibilidades impõem.

A evidência de que traduzir implica um processo muito concreto e de aprendizado por experimentação e de tomada de decisão individual, por um lado, e de mediação entre culturas, por outro, aparece no artigo de **Ebal Sant’Anna Bolacio Filho** e **Diogo Mathias Brum**. O trabalho focaliza a tradução de nomes próprios de criaturas fantásticas que aparecem em lendas brasileiras traduzidas e publicadas no âmbito do projeto de pesquisa *Volkserzählungen aus Brasilien*, da Associação Ibero-Americana, realizado por estudantes da Friedrich-Schiller-Universität Jena, na Alemanha. Os resultados do projeto evidenciam também a importância da inserção de uma prática de tradução sustentada por reflexões sobre o papel do tradutor como mediador entre culturas em contextos de ensino-aprendizagem universitários.

Se diferenças na estruturação dos significados nas diferentes línguas derivam muitas vezes das peculiaridades culturais que nelas se inscrevem, um dos recursos de que podem lançar mão tradutores para indicar tal diversidade cultural é sabidamente o das notas do tradutor. Por vezes vistas com desconfiança, como sinal do fracasso de sua tarefa, em especial, no que tange à tradução literária, elas também constituem o lugar privilegiado no qual o tradutor pode se afirmar e informar o leitor, de modo didático, a respeito de diferenças e aspectos singulares do texto traduzido ou da circunstância de sua redação, entre outros. O texto de **Tito Lívio Cruz Romão** trata da utilização de notas explicativas na tradução de textos de autoria de Sigmund Freud para o português brasileiro e faz o leitor perguntar-se sobre o próprio estatuto da escrita freudiana – entre o literário e o científico – e o papel das traduções na história de sua recepção em diferentes campos do conhecimento, tanto mais num momento, como o atual, em que a obra de Freud tem sido objeto de diferentes projetos de tradução.

Na intersecção entre dois campos disciplinares que se impuseram nas últimas décadas, como o dos Estudos Ibéricos e o dos Estudos da Tradução, o artigo de **Esther Gimeno Ugalde** expõe e questiona outro tipo de hierarquização ao realizar um amplo estudo de caso em que examina a recepção de romances catalães para o português europeu do século XX. Nesse processo, o predomínio de traduções indiretas, feitas do espanhol, indicia a condição minoritária da língua e da cultura catalãs no contexto ibérico e denuncia uma invisibilidade a ser superada.

É, de fato, sobre finíssimo trabalho de ourivesaria que assentam algumas contribuições deste número, em particular, aquelas que tratam da tradução de poesia, um tema predominante no conjunto das submissões feitas e que, possivelmente, se deve a uma sólida tradição de tradução poética no Brasil, ainda a ser mapeada em suas origens e desenvolvimentos nos séculos XIX e XX, e que se tornou central na poética de escritores-tradutores, como os poetas concretos, Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, cujo legado se lê, mais ou menos explicitamente, em muitos trabalhos aqui apresentados. O trabalho de **Meritxell Hernando Marsal** e **Beatriz Regina Guimarães Barboza** parte de uma reflexão sobre a própria experiência de traduzir, em parceria com a autora, poemas da catalã Maria-Mercè Marçal, expondo um percurso atravessado pela partilha de experiências entre as línguas e uma vinculação explícita ao campo dos Estudos Feministas da Tradução. Operando nesse campo, a escrita das tradutoras desdobra-se como projeto comum de resgate da literatura escrita por mulheres, sustentada pela escuta e incorporação de vozes que toda tradução pressupõe. Tal escuta, no entanto, reconhece as devidas distâncias que necessariamente se abrem no horizonte de recepção do texto a ser traduzido, abarcando, entre outras, problemáticas relativas à publicação e à edição, tema contemplado diretamente por, ao menos, dois trabalhos deste volume. Com base em um exame de traduções de dois poemas de Emily Dickinson, realizadas por diferentes tradutores brasileiros, o artigo de **Davi Ferreira de Pinho** e **Marcela Santos Brigida** retoma a problemática da edição da obra da poeta estadunidense para, com isso, também questionar as bases da seleção e tradução de sua obra entre nós, totalmente alheia ao contexto concreto da escrita dos

poemas. Se hoje, cada vez mais, traduzir implica em alguma medida igualmente editar, o conhecimento das circunstâncias que presidem à criação e à (não) divulgação das obras se torna fundamental para balizar sua interpretação posterior, fato que o artigo ilustra de modo bastante convincente. Também o estudo de **Éverton Barbosa Correia** sobre a reelaboração poética que João Cabral de Melo Neto e Murilo Mendes realizam da obra plástica do pintor catalão Joan Miró, vistas por meio das próprias reflexões cabralinas sobre a relação entre poesia e pintura, registra como o fato de o particular poema cabralino examinado possuir diferentes versões se torna hermenêuticamente relevante. A instabilidade de sentidos que tais discrepâncias evocam é correlata da dimensão eminentemente plástica da configuração poética de obras que, por conhecidas circunstâncias biográficas, foram produzidas, em boa medida, fora de seu próprio país, ou seja, num contexto de vida em que o contato entre as línguas e culturas próprias e estrangeiras era obrigatório e permanente.

A condição não apenas bilíngue, mas também plurilíngue, multimodal e multimídia de toda tradução é uma tópica que tem sido objeto de apropriação consciente de escritores e poetas, na esteira da (pós)modernidade literária antecipada pelas vanguardas históricas. Se para o tradutor o problema das variedades no interior do sistema linguístico já representa por si só um obstáculo recorrente, tanto maior é o desafio de lidar com um texto de partida multilíngue. O artigo de **Eleonora Frenkel** aborda essa problemática singular por meio de uma reflexão sobre a poesia da escritora, artista e ativista chilena Cecilia Vicuña, convocando o conceito foucaultiano de *heterotopia* para tratar, entre outros temas, da problemática da tradução de textos multilíngues no contexto da América hispânica. Diante de textos heteroglóssicos, suspende-se a necessidade de uma transcodificação linguística biunívoca, subvertem-se hierarquias e confundem-se as relações de poder, e ao próprio leitor é lícito assumir uma voz autoral e converter-se em tradutor por meio das diferentes performances de leitura possíveis, a começar pela própria leitura em voz baixa.

Se traduções podem vistas como índices heterotópicos, elas também podem apresentar-se como heterocronias. Ou seja, se a passagem do tempo é fator que afeta o modo como lemos e realizamos traduções, é ela precisamente aquele elemento que

as torna sempre novamente necessárias. Nesse sentido, tem particular interesse a reflexão realizada por **Daniel Padilha Pacheco da Costa** a respeito da utilização de arcaísmos por poetas e tradutores de poesia ao longo da história literária. O autor focaliza o caso das traduções de baladas de François Villon para o português, apresentando um detalhado mapeamento do uso de arcaísmos na literatura, em particular na obra desse poeta francês da Baixa Idade Média, e em diferentes traduções para a língua portuguesa de seu famoso tríptico de baladas. No estudo, ganham destaque, pelo nível de elaboração formal e pelo sofisticado recurso ao elemento arcaizante, as traduções empreendidas por Guilherme de Almeida, às quais o autor contrapõe a tradução de uma balada de Villon pelo poeta Mário Faustino, realizada numa linha atualizadora da tradução poética, seguindo o mote poundiano do *make it new!*, o que lhe permitiria uma manipulação mais livre dos versos do original. Registrando de perto os procedimentos, mais ou menos acertados, mais ou menos equivocados em relação ao uso do arcaísmo por parte de cada tradutor, o estudo evidencia como traduções constituem procedimentos legítimos de manipulação e construção estética.

Leitura atenta aos elementos versificatórios como fatores condicionantes da interpretação e, conseqüentemente, da tradução poética, **Beethoven Alvarez** oferece não apenas um estudo que associa profundos conhecimentos de elementos técnicos de versificação à história da edição e recepção da obra, mas também com uma acurada tradução de “*Mitologica*”, um poema do romeno Mihai Eminescu. O trabalho tradutório é acompanhado e sustentado por esclarecedores comentários a respeito do uso do hexâmetro datílico e seus efeitos, tanto na tradição germânico-romena quanto em traduções brasileiras, na esteira do uso inovador que dele faz o tradutor maranhense Carlos Alberto Nunes, bem como do de outros tradutores contemporâneos no Brasil.

A dimensão necessariamente experimental, embutida em toda empresa tradutória, torna-se bastante evidente quando se trata de traduzir um autor cuja obra opera com diferentes registros, variantes e línguas, como James Joyce. O estudo de **Vitor Alevato do Amaral, Elis Maria Cogo e Eloísa Dall’Bello** compara e comenta as nove traduções do conto “Os mortos”, de autoria de Joyce, publicadas no Brasil, traçando,

ao mesmo tempo, uma interessante história da tradução e interpretação da obra joyceana no Brasil, em particular de seus contos dublinenses. Por meio de comentários que contemplam diferenças e sutilezas presentes em diferentes traduções, o autor e as autoras põem a nu diferentes procedimentos e soluções tradutórias, o que torna o trabalho uma referência para futuros tradutores da obra do autor. Que a obra de Joyce se abra a uma multiplicidade de interpretações e abordagens, inclusive em um campo mais estrito de análise do uso que faz de elementos pontuais da língua, é algo incontestável e aparece, de modo muito evidente, no estudo de **Roberta Rego Rodrigues**, que se apoia em análises do campo da Linguística sistêmico-funcional para comparar duas traduções do conto “Grace” para o português brasileiro, do ponto de vista de sua “reinstanciação” linguística (ou seja, a tradução) de adjuntos modais. Após o rastreamento das ocorrências desse tipo de elemento modalizador no texto original e nas duas traduções, verifica-se que, embora haja grande número de traduções de adjuntos modais por correspondentes literais no texto de chegada, os tradutores acabam por se utilizar também, de modo eficaz e bastante livre, de outros elementos linguísticos para transpor esse tipo de modalização relacionado sobretudo com a presença de elementos de intersubjetividade no texto, evidenciando assim a tradução como espaço de afirmação da criatividade.

Uma inserção da dimensão subjetiva na língua dá-se, de ponto de vista totalmente diverso, por meio do reconhecimento da diferença linguística e, também, tendo em vista a materialidade corporal da língua, da diferença sexual. Essa é a tese de **Paulo Sergio de Souza Junior**, defendida em seu artigo sobre “o sexual no corpo da língua”, no qual empreende uma reflexão de rara sensibilidade para o que está em jogo no movimento entre as línguas, articulando a noção saussureana de diferença à noção psicanalítica da diferença sexual, de extração freudiana e lacaniana. Singular meditação sobre a tradução como lugar em que a língua se institui e sobre o estilo como compreensão cabal dessa língua, o artigo enlaça arte, literatura, psicanálise e linguagem numa teorização que revela suas próprias entranhas literárias.

Outra contribuição que pode fornecer balizas teóricas tanto para a compreensão da tradução em geral e da tradução

literária em particular, quanto para o entendimento do próprio fenômeno literário enquanto singular configuração de linguagem é o artigo de **Paula Ávila Nunes** e **Valdir do Nascimento Flores**. Reinterpretando o fenômeno tradutório à luz da teoria linguística da enunciação, o artigo relê os conceitos jakobsonianos de tradução intra- e interlinguística, buscando examinar a especial tensão entre transparência e opacidade na linguagem e a necessidade de um reconhecimento da alteridade radical que toda tradução implica.

Explorando ainda o campo teórico, o artigo de **Paulo Oliveira** propõe desenvolver uma epistemologia do traduzir, articulando alguns aspectos da *epistemologia do uso* do filósofo Arley Moreno, que associa a assim-chamada *terapia conceitual*, de Ludwig Wittgenstein, ao conceito de *estilo*, de Gilles-Gaston Granger, emprestado à estética como operador conceitual para uma teoria geral do conhecimento. Em sua cerrada argumentação, o artigo busca relacionar o conceito de *normas tradutórias*, cunhado pelo teórico da tradução Gideon Toury, à noção de *semelhanças de família* das elaborações sobre a linguagem do Wittgenstein tardio. Tal movimento pretende trazer para o debate teórico sobre a tradução um ponto de vista novo, uma perspectiva que se quer distante tanto do essencialismo da tradição filosófica, quanto daquele visto como predominante nos estudos da tradução, embora igualmente apartada de um relativismo associado ao pensamento da desconstrução.

Já a reflexão de **Burghard Baltrusch** caminha em direção diametralmente oposta: parte justamente do quadro da pós-modernidade, na qual o pensamento desconstrucionista de matriz derridiana se apresenta como central, para refletir sobre as conexões entre o pensamento pós-moderno e os estudos hermenêuticos da tradução contemporâneos. Com base numa leitura de diferentes textos literários e balizado pela reflexão de filósofos como Derrida, Foucault e Lyotard, o autor identifica, na visão da tradução que questiona o caráter estático do texto original, uma possível *episteme* pós-moderna, eminentemente crítica e apta a “reescrever a história, os discursos, ideologias e sistemas” numa chave tanto ética quanto estética. Para além da tradução, o campo da paratradução delimita, para o autor, o espaço em que reflexão crítica, metatradutória e transdiscursiva pode acontecer. Semelhante horizonte filosófico serve

igualmente de fundamento sobre o qual repousa o estudo comparativo acerca de um tópico aparentemente pouco afeito a teorias: a tradução de títulos de obras cinematográficas para o português brasileiro e europeu, de autoria de **Raimundo Expedito dos Santos Sousa** e **Hugo Domínguez Silva**. Partindo de uma sucinta, mas pertinente, descrição da história da atividade e dos estudos da tradução, o artigo passa a descrever o método utilizado para selecionar as obras a serem objeto da comparação e o procedimento adotado no processo. Interessante observar, com a análise, como as traduções para o português brasileiro são tendencialmente mais suscetíveis de sofrer alterações decorrentes de injunções de caráter publicitário ou mercadológico, ao passo que as traduções para o português europeu tendem a uma literalidade.

Não poderíamos deixar de contemplar neste número um trabalho relativo ao vasto e promissor campo de estudos da tradução de Libras. O artigo de **Vinicius Nascimento**, **Rodrigo Vecchio Fornari**, **Rimar Ramalho Segala** descreve o processo de elaboração, tradução e validação de um questionário bilíngue para a comunidade surda, visando a aperfeiçoar os mecanismos de consulta sobre preferências de visualização de vídeos e filmes por meio de diferentes alternativas das assim chamadas “janelas” de Libras. Concepções de Bakhtin sobre a dimensão verbo-visual da linguagem, bem como elementos do campo da tradução e interpretação intermodal serviram de base teórica para o desenvolvimento do projeto, evidenciando os impulsos que processos de tradução de Libras podem oferecer para uma reflexão sobre a tradução em geral e sobre a tradução de elementos não verbais, como a visualidade e a gestualidade.

O número traz ao final uma resenha crítica do livro de Judith Butler e Gayatri Spivak, intitulado *Quem canta o Estado-nação? Língua, política, pertencimento*. Partindo de uma análise de questões geo e micropolíticas do contexto norte-americano e asiático, em 2007, e com base nos conceitos de “contradição performativa” e “regionalismo crítico”, o autor da resenha, **Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa**, busca realizar uma leitura atualizadora da reflexão das autoras sobre a prática da tradução como possibilidade de questionar o (mau) funcionamento dos Estados nacionais na contemporaneidade. Levando em conta a distância temporal de mais de dez anos entre a publicação da

obra original e sua recente tradução brasileira, a resenha aponta para a importância dos estudos sobre pós-colonialidade para uma reflexão contemporânea sobre teoria e prática da tradução.

Fecha o número um depoimento de **Kanneth David Jackson** sobre o processo de tradução de *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão (Pagu), em colaboração com Elisabeth Jackson, para o inglês. O texto busca transmitir, de modo simultaneamente vívido e bem-humorado, tanto o dinamismo da vida urbana assim como reconstruído num romance vanguardista, quanto as dificuldades de tradução, geradas, sobretudo, pelo uso de coloquialismos e gírias da São Paulo dos anos 30 do século passado. Em razão da distância temporal, tais características da linguagem empregada pela autora por certo tornam ainda mais complexa a tarefa dos tradutores. Contudo, não se deixam intimidar, buscando formas inovadoras para manter o ritmo e a energia vibrante do romance. Conscientes de que traduzir pressupõe aceitar as inevitáveis perdas, buscam fazer a balança pender para o prato dos ganhos, em que o gesto transformador da tradução permanece à altura do gesto criador do original.

Como organizadoras deste número, buscamos também fazer a balança pender para o prato da tradução enquanto impulso transformador, uma singular *pulsão* inerente à criatividade humana e que pode assumir variadas formas em diferentes línguas e em suas respectivas manifestações artísticas e literárias. Esperamos que essa pequena amostra do poder transformador da tradução possa responder, ainda que de modo parcial, às expectativas de nossos leitores e leitoras.

Kathrin Saringen
Susana Kampff Lages
Organizadoras